

ESTANTE



MIRISOLA, Marcelo. *O azul do filho morto*. São Paulo: Editora 34, 2008.

Por João Matias de Oliveira

"Inventei de redimir ovos (de três em três horas). E junto redimi as peruagens da minha mãe e as maluquices da minha avó. Eu lambia suvenires de Águas de Lindóia.

A culpa aumentava e, inopinadamente (?), eu enfiava minha cabeça em buracos muito mais exigentes e alheios a mim mesmo. Um tarado em si. Ou um santo, quando não sabia que poderia escolher coisa melhor. Inclusive, mais puro e incorrupto pelo espaço diminuto em que exercia a porra da santidade: no quartinho da empregada."

Um dos benditos (ou malditos) representantes da Geração 90 - Manuscritos de Computador -, livro organizado pelo escritor e professor de literatura Nelson de Oliveira, Marcelo Mirisola no romance "O Azul do Filho Morto" dá continuidade à sua proposta de descrever (com lirismo) o âmago puoerento da classe média ascendente nos anos 70 e 80 para a então consolidação da ética dos "azulejos lambidos" e dos "quartinhos de empregada nos fundos do quintal" em dias de hoje.

De linguagem corrida, marcada pela oralidade, e uma liberdade tida como única na literatura atual, Mirisola é aquele que chama o leitor para uma mesa de bar e conta uma história em tom expressamente confessional (diz tudo e não esconde nada) sobre as aventuras e frustrações de um menino perdido no tempo, entre Floripa e Santos (lugares onde o autor viveu), ora na mesa de jantar moralista, ora no limbo da zona burguesa.



SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. *O Pequeno Príncipe*. Rio, AGIR, 1974.

Por Katiana Araújo

O livro foi escrito para revalorizar o amor, as relações de amizade e na tentativa de criticar o excesso de intelectualismo e interesses materiais da civilização capitalista-européia, o autor neste livro ensina a lição do amor. Seus personagens são recheados de muito simbolismo, como o rei que pensava que todos eram seus súditos e não tinha ninguém por perto, o contador que se dizia muito sério, mas não tinha tempo para sonhar, o geógrafo se dizia sábio, mas não sabia nada da geografia de seu próprio país, o bêbado que bebia para esquecer a vergonha que sentia por beber, a raposa simbolizando a sabedoria do amor, a rosa que por ser muito vaidosa mentiu ao respeito de sua origem e a serpente.

No decorrer do livro existe uma crítica aos adultos e como estes se preocupam com coisas inúteis e não sabem dar o devido valor a vida, ao iniciar a leitura tem a impressão de ser uma leitura simples, mas isso é apenas aparentemente.

O livro é uma história infantil para gente grande, é uma redescoberta da criança existente dentro de cada um de nós. O livro foi escrito em cima de várias metáforas, fazendo que seu leitor busque um reencontro com a criança que um dia fomos, nos faz voltar e tentar resolver todos os questionamentos da infância por nós já esquecidos. É uma narrativa poética.